

## MÁRIO FAUSTINO, MEDIADOR CULTURAL: POESIA, EXPERIÊNCIA E CRÍTICA

Lília Silvestre Chaves

Como documento humano, creio ser a poesia insuperável.  
Mário Faustino

A crítica é tão inevitável quanto o ato de respirar.  
T. S. Eliot

### **A vez de *O homem e sua hora***

Talvez Mário Faustino (1930-1962) seja mais conhecido como poeta: o poeta de *O homem e sua hora* que, agindo e existindo com o poema, escreveu sua morte e viveu a própria escrita, deixando seu rastro como um “bólide trespassando chão-essência / peito-presença”.<sup>1</sup> Mas a sua experiência criadora de poeta estendeu-se à experiência reflexiva do crítico e, do ponto de vista do contexto histórico-social, tanto a sua obra poética, quanto a sua atuação enquanto jornalista e crítico do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*<sup>2</sup> (de 1956 a 1958) representaram marcos para a poesia e para crítica no Brasil.

Foi em 1955 que Mário Faustino editou o seu primeiro livro de poesia, *O homem e sua hora*. Em viagem ao Rio de Janeiro, ele escreve a Benedito Nunes (filósofo e crítico paraense) seu grande amigo: “saudades, saudades tuas, de Belém, do Setor, de tudo! Cheguei à conclusão de que não posso viver senão aí. Terão que me expulsar, se não me quiserem mais... E vós, tendes-vos lembrado do poeta ausente?” (carta, 18 mar. 1955).<sup>3</sup> O seu livro deveria estar pronto em julho seguinte. Preocupado em divulgá-lo, Mário Faustino procurava críticos e jornalistas. Pretendia entrar em contato com Álvaro Lins, cuja volta à crítica semanal anunciava-se para breve, e

---

<sup>1</sup> MÁRIO FAUSTINO. Cavossonante escudo nosso. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa, poesia traduzida*. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 91-92.

<sup>2</sup> Grande parte de seus textos críticos foi reunida e publicada em: MÁRIO FAUSTINO. *Poesia-Experiência*. Organização e Introdução de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1976.

<sup>3</sup> Todas as cartas citadas são do Rio de Janeiro, para Benedito Nunes e fazem parte do seu acervo pessoal.

deixara uma cópia com Carlos Drummond de Andrade, que elogiara bastante: “Se ele escrever num jornal qualquer a metade do que disse de viva voz a mim e aos outros, estou de glória feita” (carta, 7 abr. 1955). Quanto a Benedito Nunes, Mário pedia que fosse escrevendo os “rodapés” a respeito, com o material que já possuía: “A glória em Belém compete ao teu ensaio, que rão as unhas por ver publicado e ler. Não é vaidade: mas, se publico, o livro precisa ser lido e para tanto é necessário chamar a atenção do público” (carta, 7 abr. 1955).

O livro (único publicado em vida) foi lançado em novembro de 1955. Benedito Nunes atendeu ao pedido: escreveu uma longa análise crítica de *O homem e sua hora*. O gesto de divulgar a obra do poeta piauiense repetir-se-á várias vezes no futuro: em cada publicação póstuma, Benedito será o organizador, apresentando, analisando, difundindo a poesia de Mário Faustino. Esse papel de mediador seria assumido por Mário Faustino no ano seguinte à publicação do seu livro, quando o poeta começa a divulgar os ensaios do crítico paraense (que, segundo ele, ao insistir em ficar morando em Belém, corria o risco de permanecer para sempre desconhecido no resto do Brasil).

Um ano depois, transferido definitivamente para o Rio de Janeiro, Mário Faustino parece ter mudado de idéia quanto ao melhor lugar para viver. É dessa época a primeira referência ao Suplemento, cuja página literária viria a assinar logo depois:

Posso dizer-te que estou muito mais tranqüilo e feliz que em Belém [...]. Junto a esta estou enviando o Suplemento do *Jornal do Brasil*, atualmente o melhor daqui, o mais sério e mais conceituado, que publicou, em dois números, infelizmente com alguns erros de revisão (não a fiz), o teu ensaio. (carta, 15 ago. 1956)

Escrito um ano antes para o lançamento do livro de Faustino, esse estudo, coincidentemente, apresentou Benedito Nunes ao *Jornal do Brasil*, tendo início a insistência do poeta para que o amigo colaborasse no Suplemento:

Sugiro que escrevas sempre para o Suplemento. Manda-me e receberei o dinheiro que pagarem e te remeterei. Manda logo o ensaio sobre Fernando Pessoa [...]. E vê se manténs um rodapé de estudos de filosofia: notas, comentários sobre livros, pequenos ensaios, estudos mais longos (que poderias publicar em capítulos) etc... Mas manda mesmo. (carta, 15 ago. 1956)

Mário Faustino já começava a traçar, sem sentir, os planos de sua nova tarefa, a de mediar a literatura, mas a página *Poesia-Experiência* ainda não havia sido criada. Os ensaios de Benedito Nunes saíam em outras páginas do Suplemento, lidos e revistos por Mário, que reclama da ortografia mas elogia o conteúdo:

Li e revi – isto é, fiz a revisão do original, corrigindo a péssima ortografia – o ensaio do F. Pessoa. Está ótimo, vai causar grande sucesso. A primeira parte deve sair domingo próximo, no Jornal do Brasil. (carta, 4 de set. 1956)

Em sua conferência para o evento crítico-comemorativo dos 30 anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda (ambos em Belo Horizonte), Benedito Nunes diz que ter sido convidado mais pela amizade com Affonso Ávila, da *Tendência*, e com Haroldo de Campos, de *Noigandres*, amizade que se iniciara no Colóquio de Assis, do que pelos seus “demasiadamente longos [...] ensaios de crítica literária e filosofia publicados no SDJB, os primeiros graças à iniciativa de Mário Faustino”,<sup>4</sup> o poeta-crítico a quem chama de aliado e que, já morto em 1963, esteve, com toda a certeza, *in absentia* durante a Semana. Dessa maneira, Benedito Nunes faz questão de lembrar o seu primeiro e mais importante mediador.

### **O Suplemento re novado**

É preciso levar em conta o que representou o novo Suplemento do *Jornal do Brasil* para a renovação não só dos cadernos de arte mas também da Imprensa Brasileira e para a divulgação dos movimentos de vanguarda, em sintonia com o momento em que o Brasil se moderniza, por

---

<sup>4</sup> NUNES, Benedito. Trinta anos depois. *30 anos*, Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, 1963/93. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal de Cultura, 1993, p. 25.

meio do “Programa de Metas” implantado pelo governo de Juscelino Kubitschek, sob a legenda de “cinquenta anos em cinco”.

Alguns historiadores citam Reynaldo Jardim, com o caderno dominical do *Jornal do Brasil*, como um dos pioneiros da revolução do texto na Imprensa Brasileira, iniciada em meados dos anos 50 e completada nos anos 60, com o apoio da sólida estrutura empresarial de que o jornal dispunha. Além da mudança considerável no conteúdo, o *Jornal do Brasil* ganha uma nova diagramação, realizada por Amílcar de Castro: as manchas de texto passam a dialogar com os espaços em branco das páginas, representando o início de uma busca de beleza também visual.

Nos primeiros anos da década de 50, no Rio de Janeiro, quem quisesse alugar apartamentos, contratar empregadas ou experimentar novas receitas, procuraria comprar, aos domingos, o Suplemento Feminino do *Jornal do Brasil*. Foi quando Reynaldo Jardim pediu permissão à proprietária do Jornal, a Condessa Pereira Carneiro, para mudar a feição do Suplemento e ampliá-lo. Sem fazer alarde, o crítico foi introduzindo poemas e pequenos contos no meio das receitas e dos classificados e logo metade do Suplemento passou a ser sobre literatura e acabou por se transformar em um Suplemento Literário. Entre os jornalistas convidados para a equipe de Reynaldo Jardim encontravam-se Ferreira Gullar e Mário Faustino, o primeiro para fazer a página de artes plásticas e o segundo para assinar a de literatura, que passaria a se chamar *Poesia-Experiência*.

Na literatura, as edições multiplicam-se: *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima – Mário Faustino escreverá a respeito da obra desse poeta um longo comentário intitulado “Revendo Jorge de Lima”, publicado na sua página semanal –;<sup>5</sup> *Duas Águas e Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto; *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa; *Romanceiro da*

---

<sup>5</sup> Série publicada na seção Poesia-Brasileira de *Poesia-Experiência* do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, em sete domingos consecutivos: 28 jul., 4 ago., 11 ago., 18 ago., 25 ago., 1 set. e 8 set., 1957.

*Inconfidência*, de Cecília Meireles; *Claro Enigma*, de Carlos Drummond de Andrade, entre outros.

Ao mesmo tempo se preparava uma revolução na poesia. Os nomes de Rilke, Ungaretti, Pound, Eliot, Dylan Thomas, Cummings, Mallarmé cada vez mais se unem aos dos poetas brasileiros, que reagiram de maneira diversa quanto à renovação da linguagem, à atualização das formas, às soluções aos desafios lançados pela cultura e pela práxis, e diferiram bastante quanto ao modo de interpretar os limites entre poesia e não-poesia, e ao tipo de mediação escolhida entre o ato estético e os demais atos humanos (éticos, políticos, religiosos).<sup>6</sup> A renovação seria a poesia concreta, criada pelo grupo *Noigandres*, formado por Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, acrescido, em seguida, por Ferreira Gullar. O itinerário é o mesmo: a própria palavra, graficamente considerada, transforma-se em objeto e toma o lugar da poesia.

A nova tendência poética provocou muita polêmica. Inaugurada em São Paulo, em dezembro de 1956, a primeira Exposição Nacional de Arte Concreta, que reúne artistas plásticos e poetas, vem para o Rio de Janeiro, em fevereiro de 1957. Houve conferências e debates, sob o patrocínio do Teatro Universitário Brasileiro, mas talvez o saldo mais positivo, para os poetas concretos, tenha sido o artigo de Mário Faustino, “A poesia ‘concreta’ e o momento poético brasileiro”, publicado na *Poesia-Experiência* do Suplemento de 12 de maio de 1957. Após um ousado balanço da produção poética brasileira até então, Mário Faustino comentou a crise do verso, lembrou que a poesia não podia ignorar os rumos tomados pelas demais artes, que precisava, “para tirá-la da pasmaceira” em que se encontrava, de um movimento de vanguarda sério e vivificante (vanguarda entendida não como revolução permanente, mas como contribuição

---

<sup>6</sup> Cf. BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 35ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 438-439.

permanente: “vanguarda não se supera, superpõe-se”, para citar Décio Pignatari<sup>7</sup>). Faustino elegeu os poetas criadores do novo movimento como representantes do que havia de melhor no campo da atual criação literária brasileira: “Cabe aos que não embarcam em sua arca, levá-los a sério, aproveitar-lhes a experiência, aplicá-las noutros setores e de outras maneiras, incorporá-la, enfim, à corrente viva de nossa poesia”.<sup>8</sup>

### A página de poesia

No dia 18 de setembro de 1956, Mário escreve ao amigo de Belém:

A partir de domingo começa a sair “Poesia-Experiência”, semanário de poesia sob minha orientação (sou eu quem faz tudo...) que fará parte do Suplemento do *Jornal do Brasil*. Uma [página] inteira *sotto mi direzione*. Que tal? Vamos ver em que dá. Te mando o primeiro exemplar semana que vem.

Foi com entusiasmo que Mário Faustino aceitou o convite para organizar uma página de jornal que se delineava como um suplemento dentro de outro, totalmente dedicada à crítica de poesia – essa a maior importância da sua crítica, que o tornou um dos maiores críticos militantes de poesia, no Brasil.

Mário dividiu a página em seções, todas fruto de uma experiência que parte do sentido de existência, mas que se estende à experiência de ler, de fazer, de traduzir e de mostrar poesia – acrescentando à sua tarefa de editor, as de antologista e tradutor. “A página é insaciável” (carta, 25 out. 1956), escreveria ele, mais tarde, a Benedito Nunes, pedindo contribuições aos amigos do Norte.

Três meses depois do lançamento do novo “Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*”, em 23 de setembro de 1956, uma nota apresentava a nova página: “Entre as páginas deste número do ‘Suplemento Literário’ do *Jornal do Brasil*, vem a público, pela primeira vez, ‘Poesia-

<sup>7</sup> PIGNATARI, Décio. Vanguarda e expectativa. *30 anos*, Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, 1963/93. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal de Cultura, 1993, p. 58.

<sup>8</sup> MÁRIO FAUSTINO. A poesia “concreta” e o momento poético brasileiro. *Poesia-Experiência*. São Paulo: Perspectiva, p. 218.

Experiência’ – um pequeno semanário de poesia”. A página oferecia aos leitores a oportunidade de reviver a boa poesia do passado, enquanto fossem aprendendo a fazer e a reconhecer a boa poesia do presente e do futuro. O lema “repetir para aprender, criar para renovar” define a intenção de *Poesia-Experiência*. Se a poesia é uma contínua aprendizagem de padrões formais e de formas de experiência, renovar seria associar as mais novas instâncias de criação às idéias adquiridas do passado. Entre a tradição, cuja repetição leva ao aprendizado, e o novo, que no ato de criar é restaurado, subentende-se um outro lema: “aprender para criar”.

Dispondo na mesma página, poetas distantes no tempo histórico, mas próximos uns dos outros por um ato comum – o de fazer poesia –, Mário Faustino, com a sua experiência poética e jornalística, combinou, de maneira singular, a moderna disposição gráfica do jornal com a sua própria concepção da crítica ideogrâmica de Ezra Pound. Das propostas do crítico norte-americano, duas foram particularmente absorvidas por Mário Faustino: a crítica pela discussão (*critic by discussion*), praticada por meio da simples conversa, até a tentativa de formular princípios mais ou menos gerais, e a crítica pela tradução (*critic by translation*), entendida como criação.

Se a crítica de Mário Faustino fundamenta-se no didatismo de Pound, que prega a “conformidade entre o velho e o novo”, ela persegue a percepção não apenas das obras no passado, mas também de sua atualidade no presente, o que envolve o sentido histórico (*historical sense*) de Eliot<sup>9</sup> – o sentimento de renovação que compele o escritor a escrever ao mesmo tempo como os de sua geração, e com a compreensão de que a totalidade da literatura tem existência simultânea e compõe uma ordem geral.

---

<sup>9</sup> Cf. ELIOT. T. S. *Selected Essays*, London: Faber and Faber, 1953, p. 13 e ss.

As várias seções, publicadas simultânea ou alternadamente, assumiam, a cada semana, posições diferentes na página, aliando ao dinamismo do conteúdo uma agilidade gráfica que desafiava qualquer monotonia. E a leitura, que se entrelaçava no tempo, em uma espécie de sucessão ordenada pelo título de cada seção – a cada número novo do Suplemento –, aproximava, ao alcance do mesmo olhar, nas diferentes seções e no espaço da mesma página –, poetas de línguas e linguagens diferentes.

A seção *O Poeta Novo* era a mais importante para Mário Faustino. Ali se divulgava toda semana um poema de um jovem autor, ao qual se solicitava que mandasse suas conquistas no campo da batalha da poesia, com a ressalva de que sobre as derrotas (nem publicadas, nem devolvidas), seria guardado segredo absoluto.

Havia outras seções: *O Melhor em Português*, lembrando poemas da língua – de Portugal ou do Brasil, procurando manter vivo e cotidiano o clássico; *É Preciso Conhecer*, apresentando poetas modernos traduzidos; *Clássicos Vivos*, divulgando momentos máximos da poesia universal, no original e em tradução; *Antologia de Crítica, Subsídios de Crítica* ou *Textos e Pretextos para Discussão*, mostrando trechos da crítica de Ezra Pound, Fernando Pessoa, Hart Crane, T. S. Eliot, Yeats, entre outros; *Pedras de Toque*, citando versos representativos dos pontos mais altos da linguagem poética. Às vezes, as seções encadeavam ensaios em série: em *Fontes e Correntes da Poesia Contemporânea*, Mário Faustino faz um levantamento dos poetas mais expressivos na história da poesia; em *Evolução da Poesia Brasileira*, procede ao levantamento dos poetas nacionais (série interrompida juntamente com a página, em novembro de 1958. Outras vezes, estudos mais longos ocupavam página inteira, como os já mencionados “A poesia ‘concreta’ e o momento poético brasileiro” e “Revendo Jorge de Lima”.



Os *Diálogos de Oficina* – das séries, a mais importante, dividida em “Para que poesia?”, “O poeta e seu mundo” e “Que é poesia?” – são o ensaio que inaugura a página. Trata-se de um diálogo imaginado entre dois poetas que compartilham uma oficina, “nas horas de trégua, quando não guardam fatigados o silêncio, discutem seu ofício”, em um tom didático e levemente poético. Os *Diálogos de Oficina*, no dizer de Assis Brasil – que compartilhou com Mário Faustino, no Suplemento, a árdua atividade crítica –, são um “apaixonante estudo das relações do poeta com a sua percepção artística, com o mundo e com o seu meio social”.<sup>10</sup> Um dos seus aspectos mais originais é o da atuação do poeta,

que é, antes de mais nada, um homem que sente na própria carne e até aos ossos a necessidade de experimentar [...] o universo, modificando este, obrigando-o a reagir às palavras com que o poeta o ataca, celebra ou lamenta”.<sup>11</sup>

Mais do que uma poética de Mário Faustino, os *Diálogos de Oficina* (únicos em seu gênero na literatura brasileira) equivalem, na expressão de Benedito Nunes, a uma filosofia da poesia – da poesia como forma de perceber o mundo e de situar-nos nele – e nos dão a dimensão pedagógica das intenções da página *Poesia-Experiência* que, numa fase otimista da vida brasileira, um dos raros interregnos do nosso entranhado autoritarismo político, não apenas tornou corrente a aplicação de critérios estéticos à crítica de poesia, como também influenciou, pela sua posição equilibrada entre o vanguardismo e a tradição moderna, nos rumos da poesia brasileira mais nova.<sup>12</sup>

### **O conceito de realidade adquire outra dimensão**

Ainda em 1956, o Congresso recebeu do presidente eleito Juscelino Kubitschek o projeto da construção de Brasília, assinado por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Repetindo o que já havia

<sup>10</sup> MÁRIO FAUSTINO. *Cinco ensaios sobre poesia*. Apresentação Assis Brasil. Rio de Janeiro: GRD, 1964, p. 10.

<sup>11</sup> MÁRIO FAUSTINO. Para que serve a poesia. In: \_\_\_\_\_. *Poesia-Experiência*, p. 31.

<sup>12</sup> Cf. NUNES, Benedito. *A obra poética e a crítica de Mário Faustino*. Belém: C.E. de Cultura, 1986, p. 33-34.

feito em Belo Horizonte, com o conjunto arquitetônico da Pampulha, em 1940, Juscelino pretendia sugerir a fusão da paisagem e do progresso industrial, com as expressões da vanguarda artística, que reinterpretem as próprias fronteiras no ato mesmo de rompê-las. Quantas vezes serão multiplicadas as rupturas e as modernidades que delas derivam? Moderna é considerada Brasília e todo esse concreto em que concorrem, igualmente, lacunas e formas. A concepção de uma cidade construída como um “oásis” plantado no planalto central, reforçava a manifestação do novo e, como nos ensina Eneida Maria de Souza, a “questão do moderno ressurgiu à luz da relação entre o nacional e o estrangeiro, a utopia e o progresso, a ruptura e a tradição”.<sup>13</sup>

A expansão e a complexidade da vida intelectual manifestavam-se em instâncias à primeira vista desconexas entre si. No entanto, as transformações que revolucionaram a imprensa e a poesia permitem, a um olhar retrospectivo como o nosso, unir a vanguarda concretista à construção de Brasília e ao novo Suplemento do *Jornal do Brasil*, onde se criou uma página que pretendeu, apenas, mostrar. E mostrar poesia – a de ontem, a de hoje, e o que talvez seja a poesia de amanhã – e reconhecer a poesia nova, insistindo na superioridade da invenção sobre a imitação e na importância da linguagem como terreno da atividade poética, para o desenvolvimento da cultura como um todo. No balanço que faz, ao comemorar um ano da sua página, Mário Faustino afirma como condição de vitalidade “o intercâmbio entre as diversas artes e a participação, por parte do poeta, nos acontecimentos, na aventura universal e nacional, nas descobertas científicas, na evolução do pensamento”.<sup>14</sup>

Se a arte participa da natureza simbólica do pensamento humano, o conceito de realidade assume outra dimensão. Brasília chamada, não por acaso, de “poema-concreto”, entrelaça-se à

---

<sup>13</sup> SOUZA, Eneida Maria de. Arte e Estado, JK reinventa o moderno. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Anos JK: margens da modernidade*. Rio de Janeiro: Casa de Lucio Costa, 2002, p. 117.

<sup>14</sup> MÁRIO FAUSTINO. Poesia-experiência. In: \_\_\_\_\_. *Poesia-Experiência*, São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 278.

história de uma nova poesia e à de um mediador que, ao reinventar a crítica literária, deixa documentada a crença em uma cultura da poesia que emana das obras, tendências e temáticas, e que formam a tradição viva em que o poeta deve inspirar-se para criar algo novo, que una os elementos perduráveis do passado à substância do presente. “Na era da tecnologia, quando o país começava a despertar para a industrialização, Mário foi um homem que imaginou uma República com poetas, em que a palavra poética se fizesse ouvir”,<sup>15</sup> e acreditava que, se a literatura de uma sociedade entra em declínio, essa sociedade atrofia-se e decai. Cria-se, portanto, uma espécie de dependência entre a sociedade e a poesia. E à hipotética pergunta de um leitor – “De que precisaria a poesia brasileira?” –, Mário Faustino respondeu com simplicidade:

A poesia brasileira precisa de dinheiro. Precisa de uma estrutura econômica estável como alicerce. Precisa de que o Brasil seja rico e autoconfiante e independente em todos os sentidos. Precisa de universidades, enciclopédias, dicionários, editores, cultura humanística, museus, bibliotecas, público inteligente, críticos de verdade, agitação, coragem. Precisa de contar com uns poetas que leiam grego, com outros perseguidos pela polícia e com uns terceiros que leiam provençal e ameacem a sociedade. Isso sem contar com uns dois ou três cuja poesia fale à alma do povo.<sup>16</sup>

Ainda vinculada às transformações políticas, a vanguarda poética da época, na concepção de Mário Faustino, reúne os poetas ligados à poesia de invenção, os poetas *inventors* de Pound, capazes de revitalizar o verso em crise. O importante é que existam poetas e que eles ousem – tanto os poetas extremamente cultos, quanto os engajados socialmente, que sofrem, por suas idéias, a perseguição dos que representam o poder, e, ainda, aqueles poetas cuja voz seja realmente sentida pelo povo. E que haja, ao menos, homens dotados de cultura, que renovem, que façam boa poesia e que, sobretudo, amem a poesia – e mostrem, ensinem, orientem.

Para Mário Faustino, em momentos de mudanças, o poeta tem nas mãos o destino da poesia (e da sociedade): quando se dá a passagem do plano artístico ao ético – o que exige

---

<sup>15</sup> BARBIERI, Ivo. *Oficina da palavra*, Rio de Janeiro: Achiamé, 1979, p. 12.

<sup>16</sup> MÁRIO FAUSTINO. A poesia “concreta” e o momento poético brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *Poesia-Experiência*, São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 215.

responsabilidade existencial e histórica —, o crítico, fiel à sua época como o poeta, é também responsável por ela.